

**Práticas de
oralidade na escola:
relato de memória
em áudio**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE
FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**NÚCLEO FALE – Formação de professores,
Alfabetização, Linguagem e Ensino
Grupo de Pesquisa “Linguagem, Ensino e
Práticas Sociais” – LEPs**

Título do material: “Práticas de oralidade na escola:
relato de memória em áudio”

Autoras do material:

Carolina Alves Fonseca - Colégio de Aplicação João
XXIII – UFJF

Vanessa Lourenço Vaz Costa - Escola Querubim –
Diamantina

Este material foi produzido para a **Semana de Ciências Humanas do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF**. Com autorização das autoras acima, está sendo veiculado neste “Repositório de trabalhos sobre oralidade e ensino”, que é um site para divulgação de produções acadêmicas e pedagógicas na temática da oralidade. O repositório é um projeto desenvolvido pela equipe do Grupo de Pesquisa Linguagem, Ensino e Práticas Sociais (LEPS/CNPq) integrado ao Núcleo FALE, financiado pela UFJF (bolsa). O conteúdo deste material é de responsabilidade exclusiva dos autores. É permitido compartilhar este material (sem fins comerciais e sem alterações), desde que sejam dados os créditos aos autores.

Repositório de trabalhos sobre oralidade e ensino

Coordenadora: Tânia Guedes Magalhães

Bolsistas de Treinamento Profissional:

Iara Viana Fernandes Tavela – graduanda em Letras

Larissa Corsino – graduanda em Pedagogia

<https://www.ufjf.br/projetodeoralidade/>



LEPs

Grupo de Pesquisa em
Linguagem, Ensino e Práticas Sociais

núcleo



u f j f

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Educação –
Centro de Difusão do Conhecimento – UFJF

Fonseca, Carolina Alves.

Práticas de oralidade na escola [recurso eletrônico] : relato de memória
em áudio / Carolina Alves Fonseca, Vanessa Lourenço Vaz Costa. – Juiz de
Fora : Universidade Federal de Juiz de Fora, 2020.

17 p. ; PDF

Material didático produzido para a “Semana de Ciências Humanas do
Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF”.

1. Linguagem. 2. Oralidade. 3. História da África. I. Costa,
Vanessa Lourenço Vaz. II. Título.

CDU 800.1

● ● ● O que há neste material didático? ● ● ●

Este material objetiva servir de suporte ao trabalho com o gênero textual **RELATO DE MEMÓRIA EM ÁUDIO**. A proposta surgiu do convite das professoras de História Vanessa Lourenço Vaz Costa e Jussaramar Silva para a realização de um trabalho interdisciplinar, incluindo Português. Um dos objetivos desse trabalho era demonstrar aos alunos que a História, seja ela coletiva ou individual, não é constituída somente por documentos escritos, mas também pela oralidade.

A **oralidade** foi trazida inicialmente por conta do currículo de História do 7º ano, que trata da diversidade de povos africanos no contexto “pré-colonial” da história da África, com o recorte em sua porção ocidental. Segundo Hampaté Bâ (2010), parte do conhecimento que temos hoje dos povos dessa região se deve pela contribuição de memorialistas chamados Griôs. Passando de geração em geração, os griôs difundiram, através da palavra falada, muitos elementos histórico-culturais das populações africanas.

Assim, o intuito do projeto era conduzir os jovens estudantes a perceberem as histórias africanas apreendidas nos contos e relatos orais tão importantes quanto aquelas que são registradas em livros e documentos. O procedimento envolvia um esforço em que os estudantes pudessem vivenciar uma perspectiva que os fizesse se sentir pertencentes à história, ou seja, sentirem-se sujeitos históricos. Para isso, sugerimos que eles, de forma oral, produzissem relatos sobre seus passados, de modo a perceberem quem eles eram e o que os constituía. A narrativa oral funcionaria, assim, como construção de um elemento de identidade, forjada na relação passado-presente (COSTA, 2019).

O tipo textual narrativo está presente desde os anos iniciais, sendo um dos mais trabalhados ao longo das etapas escolares. No entanto, a narrativa oral, geralmente, faz parte desse processo apenas em atividades de escuta – em contação de histórias, na escuta de uma leitura da professora ou do colega de sala, por exemplo –, o que, por si só, não se configura como um trabalho com a oralidade. Sobre isso, Dolz e Schneuwly (2004, p.125) apontam que “embora a linguagem oral esteja bastante presente nas salas de aula, afirma-se frequentemente que ela não é ensinada a não ser incidentalmente, durante atividades diversas e pouco controladas”. É preciso, portanto, que a escola se ocupe de situações que permitam ao aluno vivências realistas, no que diz respeito ao tratamento dos usos da oralidade e da escrita, o que o convite de participação na Semana de Humanas, vindo das professoras de História, propiciou.

Como pontua Magalhães (2008), o ensino da oralidade deve envolver **gêneros da linguagem falada**, por meios de atividades de **escuta, análise e produção** da língua. Segundo a pesquisadora, atividades com a oralidade

Permitem uso, treinamento e reflexão. Nelas, são construídos conhecimentos e conceitos sobre a linguagem, sobre os papéis sociais envolvidos na interação, bem como a inserção do aluno em atividades de oralidade letrada. A língua falada está em foco, tanto no uso quanto na reflexão. (MAGALHÃES, 2008, p. 147).

Este material foi desenvolvido para turmas do 7º ano do ensino fundamental, mas nada impede que seja adaptado a outros anos, tendo com objetivos:

- (i) a recuperação de memória dos jovens, que muitas vezes não se identificam como sujeitos e pensam que não têm uma história ou algo importante para contar;
- (ii) a reflexão sobre quem eles são e como se entendem, reconhecendo-se como sujeitos históricos;
- (iii) o reconhecimento de que a escrita não é a única fonte de construção de conhecimentos; e
- (iv) o reconhecimento de que gêneros textuais orais também são objetos de estudo, com seus padrões e especificidades.

A culminância da atividade deu-se na **Semana de Ciências Humanas do Colégio de Aplicação João XXIII (UFJF)** com a instalação de uma grande árvore – Baobá – formada por pneus, e decorada com símbolos da cultura africana – feitos pelos próprios alunos – onde foram anexados QR-Codes¹ para a escuta dos relatos de memória discentes. A árvore foi escolhida por ser considerada por muitas etnias africanas como aquela que guarda a memória do povo. Acredita-se que nela é feita a transmissão de memória da África, onde todas as histórias, fatos históricos e canções do povo eram preservados e transmitidos.

Portanto, as atividades propostas neste material para o eixo de oralidade enfatizam² (i) relações fala-escrita, (ii) análise linguística do texto oral, com foco em marcadores temporais e (iii) coesão textual.

¹ Um código de barras bidimensional que é escaneado por celulares equipados com câmera. Há diversos aplicativos que explicam como produzir um QR-code. Para a decodificação dos áudios, foram usados símbolos típicos africanos, pintados em papéis que encapavam o tronco da árvore. Ao passarem a câmera do dispositivo celular pelo símbolo, o código era convertido para o áudio gravado pelo aluno, transmitindo sua memória.

² É importante destacar que esta atividade foi desenvolvida no início do período letivo em turmas do 7º ano do ensino fundamental, por isso algumas análises linguísticas ainda estão no nível superficial por ser a sequência de introdução desses elementos. A sistematização e a consolidação ficam previstas para outras sequências seguintes.

●●● Descrição das atividades ●●●

As atividades são desenvolvidas em 7 aulas e envolvem práticas de escuta, produção oral e escrita e análise linguística, que subsidiam as atividades de compreensão e produção.

● Aula 1 – Motivação: “Quem sou eu?”

Antes de iniciar as atividades, “incomode” os alunos com as seguintes perguntas:

Quem são vocês?
Se vocês fossem convidados para escreverem uma autobiografia, aceitariam?
Por que não? Por que sim?
Como seria esse relato?

É muito provável que a maioria dos alunos acredite não ter o que contar de si, visto não terem realizados grandes feitos, serem muito novos, terem uma vida monótona. Muitos apresentam grande dificuldade para dizerem quem são e podem, inclusive, classificarem-se apenas como “aluno”. Peça então um pequeno texto em que eles falem de si. Uma opção de enunciado é a seguinte:

Todos nós temos uma história. Fazemos parte de um núcleo familiar, frequentamos um espaço escolar, construímos relações de amizades, de inimizades dentre outras. Qual é a sua história? Ou, então, qual é a PARTE da sua história que você gostaria de nos contar? Faça um pequeno relato sobre si.

A ideia é trazer o incômodo mesmo. Muitos textos podem ficar pequenos, feitos como uma nota biográfica apenas.

● Aula 2 – Explicação do projeto

Inicie a aula indicando no quadro aquilo que mais apareceu no texto dos alunos. Espere-se que apareçam a data/local de nascimento, filiação, ano que entrou na escola, ano de escolarização que frequenta atualmente. Feito isso, pergunte:

Isso é o que define cada um de vocês?
Vocês são datas?
É o que têm de mais relevante para contar
Vocês se envolveriam com a leitura desses relatos?

Nesse momento, pode surgir um estranhamento. Alguns alunos admitem que há inúmeros outros fatos mais interessantes para falar de si. Nesse momento, situe a atividade. Pergunte se eles já ouviram falar em relato de memória, se sabem distingui-lo de uma biografia. Explique que as aulas subsequentes terão como objetivo a produção de um relato oral em que sejam trazidas as memórias mais relevantes de cada um.

Feito isso, o objetivo a seguir é apresentar o gênero.

Leia os textos abaixo:

Texto I

Cinderela negra - A saga de Carolina Maria de Jesus³

Carolina Maria de Jesus foi uma figura ímpar. Viveu sozinha, com três filhos – um de cada pai – em uma favela na cidade de São Paulo, desde 1947. Descendente de escravos africanos, nasceu em 1914, em Sacramento, um vilarejo rural no Estado de Minas Gerias e foi à escola apenas até o segundo ano primário. Trabalhou na roça com a mãe, desde muito cedo. Depois, ambas foram empregadas domésticas.

Já em São Paulo, na favela do Canindé, como catadora de papel e mãe de três filhos, escrevia folhas e folhas de histórias reais e imaginadas. Um dia, um jovem

³ Foram levados textos sobre essa autora, pois a leitura de “Quarto de despejo – diário de uma favelada” estava prevista para a turma durante o ano, sendo, portanto, de interesse dos alunos.

jornalista teve acesso a estes escritos e conseguiu ajudá-la a publicar o seu “Quarto de despejo”, em 1960. O sucesso foi imediato. Vendeu o equivalente, naquele ano, a Jorge Amado. Seu livro foi publicado em 13 línguas, em mais de 40 países.

Porém, sua trajetória, até a morte na década de 70, foi incomum e perturbadora. Carolina não se “enquadrou” como escritora famosa. (...). Em pouco tempo, ela foi forçada a voltar à condição de pobre, com dificuldades de sobrevivência. Na miséria viu terminarem seus dias, em 1977.

(adaptado do livro “Cinderela negra - A saga de Carolina Maria de Jesus”, de José Carlos Sebe Bom)

Texto II

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, no interior de Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914. Neta de escravos e filha de uma lavadeira analfabeta, Carolina cresceu em uma família com mais sete irmãos.



A jovem recebeu o incentivo e a ajuda de Maria Leite Monteiro de Barros – uma das freguesas de sua mãe – para frequentar a escola. Com sete anos, ingressou no colégio Alan Kardec, onde cursou a primeira e a segunda série do ensino fundamental. Apesar de pouco tempo na escola, Carolina logo desenvolveu o gosto pela leitura e pela escrita.

Em 1924, em busca de oportunidades, sua família mudou-se para Lageado, onde trabalharam como lavradores em uma fazenda. Em 1927, retornaram para Sacramento.

Em 1930 a família vai morar em Franca, São Paulo, onde Carolina trabalha como lavradora e, em seguida, como empregada doméstica.

Com 23 anos, perde a sua mãe e vai para a capital onde emprega-se como faxineira na Santa Casa de Franca e, mais tarde, como empregada doméstica.

Em 1948 muda-se para a favela do Canindé. Nos anos seguintes, Carolina foi mãe de três filhos, todos de relacionamentos diferentes.

Adaptado de https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/

A ideia com esses textos é analisar as diferenças de sua constituição, principalmente no que tange à marcação temporal. Sugestões de exercícios:

1 Qual dos textos apresenta um cunho mais subjetivo, em que se pode perceber um posicionamento dos autores sobre Carolina Maria de Jesus? Explique.

2 Quais outros aspectos trazem mais subjetividade e objetividade aos textos I e II respectivamente?

O objetivo é que eles percebam que já no título do texto I há esse posicionamento, com o uso da comparação de Carolina com Cinderela e com a escolha da palavra “saga”, prenunciando o foco do relato nos feitos históricos de uma mulher, mãe solteira, favelada, catadora de papel e escritora. Devem ser destacados, por exemplo, a maior linearidade da sequência temporal no segundo texto e a maior adjetivação no primeiro⁴.

● Aula 3 – Conhecendo o gênero: relato de memória oral

Nesta aula, os alunos irão explorar o site **Museu da Pessoa**⁵ – um museu virtual e colaborativo, cujo acervo reúne quase vinte mil relatos, gravados em vídeos, de pessoas comuns, além de fotografias e documentos.



O ideal é que esta aula seja dada no laboratório de informática, se houver na escola. Caso não tenha, o professor pode levar alguns exemplares de vídeos e *prints* das páginas do site e

⁴ Uma estratégia interessante na qual que os alunos se envolvem bem é a criação de legendas. Por exemplo, em amarelo o que traz mais objetividade ao texto, como marcadores temporais pontuais e lineares; em vermelho o que traz mais subjetividade, como as adjetivações.

⁵ <https://acervo.museudapessoa.org/pt/museu-da-pessoa>

projetá-los. Eles também podem acessar pelo celular individualmente ou em duplas, caso tenham.

Deixe parte da aula livre, para que eles busquem relatos que os interessem. Não deixe de pedir que levem caderno e lápis para irem anotando o que forem assistindo: nome dos autores, fato que mais gostou ou que não gostou. Reserve um tempo da aula para que eles contem as histórias que ouviram, falem das que mais gostaram, indicando o motivo. Pergunte se esses relatos se aproximam mais do texto I ou do texto II lidos na aula anterior e o porquê disso – quais aspectos linguísticos trazem essa aproximação ou distanciamento.

● Aula 4 – Escuta e análise do relato oral

Nesta aula, os alunos analisarão um vídeo específico, “A morte não é o começo nem o fim, é o meio”, de Neives Baptista⁶. Entregue para eles o roteiro de escuta abaixo, o qual deve ser lido antes do início do vídeo:

ROTEIRO DE ESCUTA:

1 O vídeo é longo ou curto? Qual é o provável motivo disso?

2 Qual é a estrutura do vídeo? Você consegue reconhecer partes de uma narrativa nele? Quais?

3 Como o vídeo se inicia? Por que é importante iniciar desta forma?

⁶<https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/a-morte-nao-e-o-comeco-nem-o-fim-e-o-meio-44611>

4 Quais fatos da própria vida Neives Baptista escolheu relatar? Por que será?

Explique aos alunos que esse roteiro é para orientar a leitura e que eles devem ir anotando à medida que forem encontrando as respostas, mas que a anotação destas não devem se sobrepor à escuta do vídeo. Deve-se anotar de forma esquemática, uma vez que após a escuta será dado um tempo para que eles elaborem melhor suas respostas.

É interessante que eles percebam que o relato, embora seja oral, foi pensado previamente. Baptista muito provavelmente pensou antes sobre si, sobre os fatos que ele considera relevantes acerca da formação da sua identidade, da forma como ele reconhece o mundo. Nesse momento, pode ser discutido com os alunos o *continuum* oral e escrito, trazendo outros gêneros, como exemplo – palestra, conversa de *whatsapp* e outros.

Peça, então, que eles identifiquem características da linguagem falada no relato assistido⁷. Devem aparecer as hesitações, repetições de palavras, correções, marcadores conversacionais como “né?” e diminuições de palavras típicas da fala, como “tô”, “tava”.

Como tarefa para casa, peça que os alunos pensem sobre sua história, não mais pensando em datas de nascimento etc, mas em aspectos marcantes, que ficaram na memória e que, agora, de alguma forma, fazem parte da sua identidade. Sugira conversa com a família, leitura de diários antigos, se houver, recuperação de fotos antigas. Peça que levem na aula seguinte.

● Aula 5 – Planejamento da produção textual: do roteiro ao relato de memória em áudio

Agora é o momento de produção. Entregue aos alunos o primeiro relato que eles produziram. Mostre que agora a ideia é trazer mais subjetividade ao relato, como combinado na aula anterior.

⁷ O site disponibiliza um PDF com o relato completo, em que se pode pedir para que os alunos leiam e identifiquem as alterações que foram feitas nessa retextualização do texto. As contrações permanecem, mas as hesitações e gaguejo, por exemplo, são retiradas para manter o texto de mais fácil leitura.

Retome que, embora a tarefa final seja a gravação de um áudio, neste momento eles devem produzir um roteiro, selecionando aquilo que estará presente no relato, de modo que nada seja esquecido na hora da gravação.

Peça que tenham em mente os questionamentos: quem sou eu? O que me representa? O que constitui a minha identidade? O que me singulariza perante os outros?

Um exemplo de roteiro é o seguinte:

- 1 Apresentação pessoal: nome, data de nascimento, cidade em que mora.
- 2 Fato marcante da infância: aniversário de 7 anos.
- 3 Fato marcante da idade atual: sou representante de turma, algo que queria há anos.

Apresente também a sugestão do Museu da Pessoa:

The screenshot shows the website interface for 'Museu da Pessoa'. At the top, there is a navigation menu with links: Museu da Pessoa, Entenda, Explore, Educativo, Apoie, Contato, and Exposições. The main heading is 'Apresentação Conte sua História'. Below this, there is a paragraph explaining that users can send their stories to the archive, including text, images, and videos. The text is followed by a section titled 'COMO CONTAR UMA HISTÓRIA' with several bullet points providing tips on how to write a story. At the bottom of the page, there is a yellow button labeled 'CONTE SUA HISTÓRIA' and a URL: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/intro-conte-sua-historia>.

Explique que eles podem enviar o trabalho ao Museu, o que é mais uma motivação para a realização do trabalho.

É interessante que os alunos entreguem a atividade para que seja possível sugerir mais personalidade em alguns roteiros, já que pode haver alunos que ainda estejam com dificuldade de trazer aspectos de si.

● Aula 6 – Produção do relato de memória oral

Devolva os roteiros com sugestões, se necessário. Explique que embora ele esteja escrito de forma esquemática, o que será gravado, em áudio, é um relato de memória, um texto narrativo que, como tal, precisa apresentar coesão, ligação entre as partes contadas.

1 Veja novamente o vídeo de Baptista (texto abaixo). Identifique e grife as expressões que conectam cada evento contado pelo autor.

2 Quais dessas expressões expressam tempo? E conclusão? Há outros sentidos?

3 Por que essas expressões são comuns em textos orais, como nos vídeos do Museu da Pessoa?

Ab! Eu era criança. Eu me lembro uma vez que me bateu, eu não me lembro que doença que era, se foi varicela ou “variloa”, tinha uma epidemia que tava dando lá em Pelotas que tava até matando criança e me deu essa doença. E meu pai mandou chamar um cidadão que receitava homeopatia que eu já tava desenganado pelo médico. Tanto é que eu já tava abandonando o corpo. E aí chamaram o falecido, seu “Sossó” e ele começou a me dar homeopatia de cinco em “cinco minuto”. E eu me lembro de quando ele chegou, eu tava em cima, eu tava no alto e tinha umas entidades junto comigo ali também. Eu já queria partir e disseram: “Não, não, não... Não, parte, não! Isso aí agora vai dar certo!” Disseram pra mim: “Isso vai dar certo! Volta pro teu corpo!” E realmente começaram a me dar aquele negocio de cinco em “cinco minuto”, mas eu lá de cima tava enxergando tudo aqui em baixo, inclusive o meu corpo. Aí foi quando eu retornei e hoje eu “tô” aqui. Então, eu sempre enxerguei essas coisas espiritual, eu sempre tive em contato com o mundo espiritual. E

ai passei a estudar o espiritismo, praticar o espiritismo por que eu posso dizer hoje que eu não sou, eu estou no espiritismo há cinquenta anos ou mais. Por que ser espírita ou ser ubandista requer uma série de virtudes angelicais que eu ainda não possuo, certo? Agora, a minha prática é o espiritismo. Acredito, tenho convicção e hoje eu me encontro com vocês dando essa entrevista porque vocês, também estão fazendo parte desse contexto. Não existe casualidade, existe propósito. Vocês tem um propósito, eu tenho um propósito e os donos da vida também tem um propósito, e é esse que eu “tô” fazendo aqui.



Lembrete: retire as expressões grifadas antes de reproduzir para os alunos.

Algumas dessas expressões são marcadores temporais (agora/hoje/foi quando/e aí...), outras conclusivas (então/e aí...), muitos comuns em textos orais pouco formais, devido ao objetivo comunicativo do Museu da Pessoa e, conseqüentemente, dos vídeos gravados para o site. Retome o fato de que esses marcadores – apresente outras possibilidades no quadro e comente sobre a questão de repetição de palavras – devem estar presentes na gravação deles, trazendo coesão ao texto, visto que o roteiro era apenas para orientar a fala.

GRAVAÇÃO DO RELATO

- 1 Antes de gravar seu relato em áudio, local de pouco barulho e ruídos. O som deve ser claro, audível.
- 2 Treine antes de gravar seu relato.
- 3 Fale de modo pausado e use tom de voz adequado. Assim como um texto escrito precisa ser reescrito em alguns momentos, o áudio precisará ser regravado. Isso faz parte de toda produção textual, seja ela escrita ou oral.
- 4 Grave seu relato de memória em casa e envie via *WhatsApp* à professora (ou por outro meio, a combinar).

À medida que for recebendo os áudios, envie a correção. Assim, os alunos terão tempo de refazer, caso necessário. Destaque aspectos como clareza da fala, repetição excessiva de palavras, vocabulário adequado ao meio de circulação e público alvo – alunos da escola, coesão do texto, dentre outros. Esses aspectos, vale ressaltar, devem ser avisados previamente aos alunos.

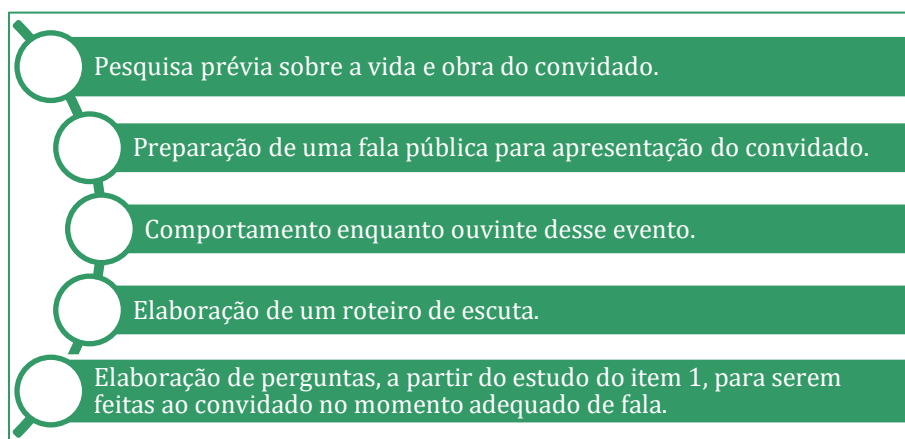
● Aula 7 – Circulação dos relatos de memória produzidos

Codifique os áudios dos alunos em QR-CODE (conforme nota 1 deste material; os exemplos do resultado encontram-se em anexo em fotos), imprima e exponha os códigos para que toda a escola possa fazer uma visitação à exposição. Organize um local na escola com o nome da exposição, um pequeno texto de apresentação do projeto e imagens (fotos) dos alunos, bem como os áudios já codificados. Este local pode ser um mural da escola, a porta da sala de aula ou a árvore Baobá, indicada do texto de apresentação deste material.

Os QR-CODES ficarão expostos, e os alunos serão levados para ouvi-los. Combine previamente o dia da visitação para que eles se organizem quanto ao uso do celular e fone de ouvido. É interessante que toda a escola faça a visitação.

● ● ● Outras sugestões para exploração do tema ● ● ●

É interessante convidar alguém da comunidade local para fazer seu relato de memória para a turma. Com isso, outros aspectos da oralidade podem ser trabalhados, como:



Na escola em que esta sequência foi desenvolvida, a professora **Adenilde Petrina**⁸ foi convidada para fazer seu relato de memória, abordando especificamente com os alunos questões da “invisibilidade” dos povos originalmente vindos da África, tema abordado nas aulas de História.

⁸ Sobre a professora e militante Adenilde Petrina, sugerimos a leitura seguinte: <https://tribunademinas.com.br/especiais/outras-ideias/11-06-2017/outras-ideias-com-adenilde-petrina.html>

● ● ● Referências e materiais de consulta ● ● ●

COSTA, V. L. V. **Baobá de memórias**: uma (auto)reflexão pedagógica. Monografia (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

HAMPÂTÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.) **História Geral da África**. Brasília: Unesco, 2010, v.1, p.167-212.

MAGALHÃES, T. G. Por uma pedagogia do oral. **Revista Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v.11/2, p. 137-153, 2008.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. org. Roxane Rojo; Glaís Sales Cordeiro. Campinas-SP, Mercado de Letras, 2004.

LEVINE, R.M.; MEIHY, J. C. S. B. **Cinderela negra - A saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: UERJ, 1994.

● ● ● ANEXOS ● ● ●

Apresentamos aqui algumas fotos divulgadas na matéria de cobertura da Semana de Ciências Humanas do Colégio de Aplicação João XXIII de 2018:

<https://www.ufjf.br/joaouxiii/2018/08/17/atividade-promove-o-exercicio-da-identidade-atraves-da-memoria/>

Árvore Baobá com os QR-CODES



Alunos ouvindo a fala de Adenilde Petrina



